Google semeia na África em busca de crescimento futuro
Will Connors

A despeito de ter uma das menores taxas de penetração da internet em todo o mundo, a África conquistou o Google Inc.

Atraído pelo potencial de crescimento do continente, o Google quer convencer os empreendedores, estudantes e assistentes sociais a fazer uso de suas tecnologias de busca, mapas e telefonia móvel. Mas a África - que tem cerca de 1 bilhão de habitantes, mais de 50 países e muitas regiões com acesso limitado à eletricidade - apresenta enormes obstáculos.

"A internet não é uma parte integral da vida das pessoas na África", diz Joe Mucheru, do escritório do Google no Quênia.

A África fica bem atrás dos outros grandes mercados emergentes em termos de utilização da internet. A África tem 4% dos usuários de internet em todo o mundo; a China tem 21%.

O continente também tem um dos custos mais altos do mundo para o uso de telefonia celular e internet. Na Nigéria, o custo da banda larga para as provedoras de internet é de US$ 3.000 a US$ 6.000 por mês por megabyte, de acordo com Nyimbi Odero, do escritório do Google na Nigéria.

No Reino Unido, o custo é de cerca de US$ 20 por mês por megabyte.

Apesar do custo, executivos do Google dizem que a África representa uma das taxas de crescimento mais aceleradas do uso de internet em todo o mundo. A Nigéria já tem cerca de 24 milhões de usuários e a África do Sul e o Quênia não ficam muito atrás, de acordo com o Banco Mundial e sites de pesquisa como o Internet World Stats.

"O objetivo é fazer com que mais pessoas estejam on-line", diz Estelle Akofio-Sowah, a chefe do Google em Gana.

O Google não revela quanto investiu nas operações sediadas na África e diz que não tem ainda uma meta de receita para o continente. A empresa - que tem presença física no Senegal, Gana, Nigéria, Quênia, Uganda e África do Sul - informa que tem 40 funcionários no continente e outros que trabalham fora mas em projetos focados na África.

Outras empresas de tecnologia também estão de olho na África. A Microsoft Corp., a International Business Machines Corp., a Cisco Systems Inc. e a Hewlett-Packard Co. têm escritórios de vendas pela África, que oferecem notebooks, impressoras e software para um crescente número de empresas e uma classe média emergente.

Embora haja provedores de internet de pequena escala, a maior parte dos serviços de internet no continente é oferecida por operadoras de celular, que fornecem um modem que o usuário conecta na porta USB de um computador. O uso de celulares na África cresceu rapidamente nos últimos dez anos e ainda é a maneira mais comum pela qual as pessoas se comunicam, em vez do e-mail ou de redes sociais.

"Há uma tremenda demanda reprimida por conectividade e acesso", diz Odero.

Uma das primeiras iniciativas do Google no continente, desde a instalação de seus escritórios na região três anos atrás, foi a expansão do Google Maps. Cinco anos atrás, nem mesmo as maiores cidades da África tinham mapas detalhados on-line, dizem analistas. Agora, o Google tem mapas de 51 países africanos.

Tunji Lardner, um consultor de Lagos que trabalha para o governo, quer usar a tecnologia do Google para evitar um golpe comum: a venda de casas em Lagos que na verdade não estão à venda. Funcionários do Google na Nigéria deram a ele recentemente um celular que usa o

Artigo de destaque exclusivo para Intercaetonês

sistema operacional Android, do próprio Google, que ele vai usar para cadastrar com precisão no Google Maps as casas que estão de fato à venda, e criar uma base de dados.

Entre outras iniciativas está a organização não governamental VetAid, que começou a usar celulares Android doados pelo Google na Tanzânia e no Quênia para monitorar o estado de saúde de rebanhos.

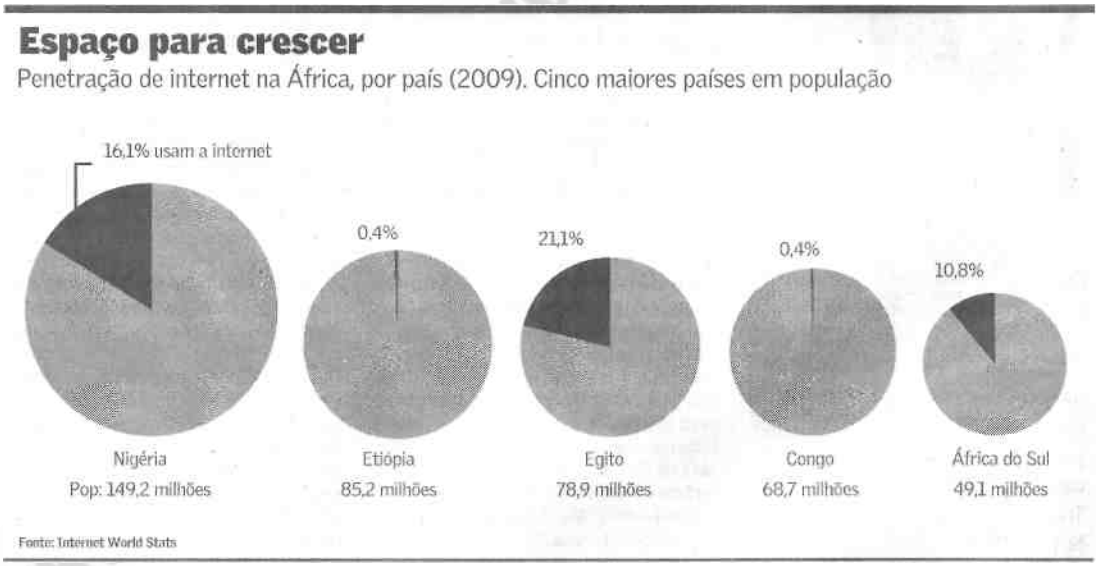
No Quênia, um grupo independente de jovens programadores formou o Grupo de Usuários de Tecnologia Google, que se reúne para trocar informações sobre aplicativos e serviços do Google em oito países africanos, entre eles Camarões e Egito.

Nem toda iniciativa do Google na África deu certo. Funcionários da empresa em Uganda, numa parceria com a gigante sul-africana de telecomunicações MTN Group Ltd. e a Fundação Grameen, lançaram três programas baseados em mensagens de texto para celulares: Busca, Dicas e Trader. Os serviços gratuitos atraíram uma grande base de usuários quando foram lançados em meados do ano passado - 2,7 milhões de mensagens de texto enviadas nos primeiros seis meses, de acordo com o Google. Quando a MTN começou a cobrar pelo Google Trader, o serviço de compra e venda via texto, a taxa de utilização despencou.

"O problema de oferecer só serviços é que eles ficam à mercê das operadoras de celular", diz Jon Gossier, um americano que chefia a Appfrica, empresa que dá apoio e incuba empreendedores de tecnologia na África Oriental.

O Google vai tentar despertar o interesse na África durante a Copa do Mundo, lançando uma campanha de relações públicas por meio do YouTube. A empresa está usando o seu serviço de vídeo na internet para patrocinar um torneio de futebol de rua que vai passar por vários países africanos e terminar na África do Sul.

Uma equipe do Google Vista da Rua também está viajando pela África do Sul, para mostrar o quanto for possível do país antes de a Copa começar.



Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 19 maio 2010, Empresas, p. B9.

A utilização exclusiva para fins educacionais